



7.

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NO TEATRO: UMA SEGUNDA VOZ

Liliana Barros Tavares¹⁴

No teatro, a voz que sai dos fones de ouvido dos usuários da audiodescrição, não é a do ator. É uma voz que fala do que vê, sem julgo de valor. Evita adjetivos, descreve de forma sucinta, na intenção de comunicar o que é visto pelos olhos do audiodescritor, de maneira que seja permitido ao usuário da audiodescrição fazer interpretações referentes à intencionalidade do autor e do diretor.

Uma outra voz é emitida pelas mãos do intérprete de Libras, a língua de sinais traduz o texto na íntegra e ainda sinaliza os sons emitidos durante a apresentação, como um ruído, um grito, algum efeito especial, ou qualquer música, com ou sem letra.

14. Mestre em educação pela UFPE. Professora de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde- FPS/Imip. Audiodescritora e gestora da Com Acessibilidade Comunicacional. E-mail:lilianatavares@uol.com.br.

7.1. Acessibilidade para cada tipo de espetáculo

Sabemos que são infinitas as formas de realizar uma montagem teatral. Para cada uma, faz-se necessária a adaptação das técnicas de acessibilidade. Caberá à pessoa responsável pela acessibilidade, em parceria com a produção e com a direção do espetáculo, desenvolver a melhor estratégia de acessibilidade. Isso irá depender, como qualquer outro elemento da montagem, do orçamento disponível.

A intenção é de que se tenha a maior abrangência possível, de que sejam cobertos todos os elementos referentes ao evento, desde a divulgação e o programa até a apresentação em si.

7.2. Audiodescrição de um espetáculo teatral

Audiodescreve-se o máximo possível, ambientação, cenário, figurino, movimentação no palco e iluminação, da forma mais breve e fiel possível. A maior parte dessas informações geralmente vem nas notas proêmias, parte do roteiro que introduz dados que não são possíveis de serem inseridos no momento da encenação. Descreve-se também o público, a quantidade de espectadores, a fisionomia das pessoas, o modo como elas estão vestidas, a forma como se comportam, o local onde estão sentadas.

Pode-se considerar o audiodescritor como membro integrante da equipe do evento. Parte do espetáculo será transmitida por ele aos usuários da audiodescrição. Ele precisa ter livre acesso, com antecedência, a todos os elementos que



compõem a apresentação, para que possa ser feito o roteiro. Mesmo em caso de uma cena com improviso, a intenção deve ser comunicada.

Passo a passo:

a) A produção entra em contato com o audiodescritor ou com a equipe de acessibilidade;

b) Discute-se o projeto e levantam-se as possibilidades de acessibilidade (o que fazer, como fazer e quantas apresentações) de acordo com o orçamento;

c) A produção compartilha com o audiodescritor todas as informações necessárias para a elaboração do roteiro da audiodescrição, como, por exemplo, o *script* ou o roteiro da peça. Caso a obra já tenha sido encenada e a produção tenha imagens das apresentações, ainda melhor. Caso contrário, é fundamental gravar um DVD do ensaio, com figurino, cenário e luz, para que o audiodescritor possa escrever o roteiro com detalhes;

d) O audiodescritor deve assistir a, pelo menos, dois ensaios. Um para elaborar o roteiro, com a ajuda do DVD, e o outro para ensaiar o seu roteiro com o elenco atuando;

e) Em seguida, o roteiro feito pelo audiodescritor deverá ser revisado por uma pessoa cega com conhecimento em audiodescrição, um consultor em audiodescrição. O ideal seria que antes da primeira audiodescrição, o roteiro fosse discutido entre o diretor do espetáculo e o audiodescritor, para que o diretor pudesse opinar sobre algumas das escolhas descritivas;

f) O último passo seria a locução do roteiro durante o espetáculo. Também aqui há necessidade de se discutir a melhor forma de locução: se com um ou dois locutores, se voz feminina ou voz masculina, dependendo do estilo de cada espetáculo;

g) Outro aspecto ligado ao estilo do espetáculo é o *tour* tátil. Consiste em permitir que a pessoa com deficiência visual, guiada pelo audiodescritor, toque em objetos do cenário ou em detalhes do figurino. O *tour* tátil ajuda a complementar as informações dadas pela audiodescrição. Ele poderá acontecer antes ou depois do espetáculo.

7.2.1. A audiodescrição fora da cena

7.2.1.1. Divulgação

a) Tanto as informações quanto as imagens contidas em pôsteres podem ser impressas em Braille, para serem distribuídas nas instituições onde existe alta frequência de pessoas com deficiência visual;

b) A divulgação pode ser feita via internet, por meio de *blogs* especializados, podendo ter a audiodescrição gravada ou escrita;

c) Atualmente, faz-se necessária uma estratégia de divulgação corpo a corpo nas instituições, já que há dificuldade de acesso às informações pela a maioria da população das pessoas com deficiência visual;

d) Lembrar-se de colocar, em todo o material publicitário, a informação de que haverá audiodescrição. Somente assim as



peçoas que enxergam podem avisar às peçoas cegas sobre o evento.

7.2.1.2. Programa do espetáculo

A forma de oferecer o conteúdo audiodescrito irá depender das decisões entre a produção e a equipe de acessibilidade. O programa poderá ser distribuído em Braille, gravado em CD, ou entregue em *pendrive*.

7.3. Tradução e interpretação de Libras de um espetáculo teatral

No capítulo *Fundamentos para atuação de tradutores/intérpretes de língua brasileira de sinais em produções culturais*, Ernani Ribeiro fala, detalhadamente, sobre o trabalho do intérprete de Libras e sobre o que é necessário para tornar um espetáculo acessível à peçoas com deficiência auditiva. Um dos pontos a se reforçar, aqui, é a importância da familiarização do intérprete com a modalidade artística que irá interpretar. Nesse viés, pode-se acrescentar:

a) A importância de ter uma peçoas surda como consultora da tradução. A maioria dos intérpretes não está acostumada a revisar a tradução com uma peçoas surda que tenha vasto conhecimento da língua e da linguagem artística que será interpretada;

b) A necessidade de se discutir mais amplamente o lugar, no espaço cênico, de onde o intérprete de Libras atuará durante os espetáculos. Há várias maneiras que podem ser pensadas, além da solução mais usual, a que posiciona o intérprete

sob um foco de luz, ao lado da boca de cena – gerando, segundo alguns encenadores, uma indesejada interferência na apreciação geral da estética do espetáculo. As soluções vão depender do tipo de espetáculo e do orçamento de que a produção dispõe. Já há teatros, em outros países, cujas poltronas possuem uma espécie de mini TV individuais (como as que existem em aviões). Esse equipamento permite que a produção ofereça legendas em várias línguas, à escolha de cada espectador. Com tal tecnologia, ou com algum recurso semelhante, o intérprete de Libras somente seria visto por quem realmente desejasse desfrutar do seu trabalho, evitando o derramamento de sua interpretação para toda a plateia.

7.3.1. Divulgação

Nem sempre a divulgação comumente feita pelos produtores chega até as pessoas surdas. É imprescindível:

- a) Informar nos cartazes, *flyers*, pôsteres etc., que o espetáculo tem interpretação em Libras;
- b) Contatar instituições frequentadas assiduamente por pessoas surdas;
- c) Fazer uma gravação em Libras com informações sobre o espetáculo (sinopse, horários, ficha técnica etc.) e divulgá-la de modo amplo pela internet, compartilhando-a especialmente em *blogs* e *sites* especializados.

Entende-se que a melhor forma de fazer um espetáculo acessível é buscar a orientação de quem trabalha na área de



acessibilidade cultural. Muitas vezes as saídas encontradas por quem não está familiarizado com a temática são insatisfatórias para as pessoas com deficiência. Como qualquer ação, acessibilidade cultural requer planejamento, definição de metas, ensaios, execução competente e avaliação, pautada sobretudo pelo *feedback* do público.

Como um cantor de segunda voz, a acessibilidade comunicacional, harmoniza as notas principais do espetáculo e o complemento, para que as pessoas com deficiência auditiva ou visual possam apreciar a obra por elas mesmas.

Referências bibliográficas:

CHARLSON, Kim. Making theatre accessible. In Guide to Audio Description in Performing Arts. *Bay State Council of the Blind Publication*. Disponível por solicitação: kimcharlson@earthlink.net .

LIMA, Francisco. *Estudos do roteiro para audiodescrição: sugestões para a construção de um script anotado*. In *Revista Brasileira de Tradução Visual*. Vol.7 Nº 7. ISSN - 2176-9656. Disponível em: <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/92/143> .

LIMA, Francisco. 2009. *Em Defesa da Audiodescrição: contribuições da convenção sobre os direitos da pessoa com deficiência*. In *Revista Brasileira de Tradução Visual*, Vol.1. ISSN - 2176-9656. Disponível em: <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/issue/view/2/showToc> .

TAVARES, Liliana. 2011. *Audiodescrição da Paixão de Cristo: um breve relato de uma mega produção*. Vol.7 Nº 7. ISSN - 2176-9656. Disponível em: <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/97/153> .